

## O PERSONAGEM MODERNO EM: “RIO ABAIXO DOS VAQUEIROS”

Profª Ms Madalena Aparecida Machado  
UNEMAT/Pontes e Lacerda

Ricardo Guilherme Dicke é o mais eminente escritor mato-grossense de ficção na atualidade e considerado por Antonio Olinto e Leo Gilson Ribeiro, entre outros, um dos cinco maiores escritores brasileiros vivos. Ele destaca, em sua obra, o homem e sua problemática existencial: detentor de muitas impressões subjetivas, com toda sua fundamental incerteza. O escritor alcança uma visão literária contemporânea da vida, cuja representação do homem atinge a inquietação, quando o coloca em questão para se conhecer.

Dicke convoca uma ordem e interpretação da vida humana pontuadas por elas próprias, isto posto na consciência do personagem, em seus pensamentos e parcamente em suas palavras e ações. Dentre os romances escritos de Ricardo Guilherme Dicke, sete foram publicados. *Rio Abaixo dos Vaqueiros* (2000), apresenta o personagem moderno exposto com habilidade quando o escritor penetra o universo literário, aí expondo erudição firme, composta de uma filosofia para entender a vida e o gênero humano, alcançando-os com uma reflexão poética, numa literatura que não deixa nada a desejar a autores já consagrados pela mídia e crítica.

*Rio Abaixo dos Vaqueiros* é o nome geral das fazendas lindantes do Velho e do Homem. A história é contada sob a ótica de Aglae e Beatriz que relembram a trajetória do pai, o Velho. Escutando sua voz enquanto conta o périplo insondável de sua vida, elas descobrem que a existência dele se resume numa espera sem finalidade a não ser a comprovação de que na vida tudo são histórias, bem contadas ou não, a dele ou a dos outros, não são diferentes. O personagem, o Homem, arrebanhando tudo ao seu redor, vai ficando dono de tudo – terra e mais terra – acompanhado dos filhos: Gedeão, Saul e Betsabah. Na Imbuia Velha do Rio dos Couros, o tempo passa à maneira dos carros de boi, tudo aqui é do Homem que não se encontra mais com

sua família, parece não envelhecer nunca, não sabe o que é o Tempo, até a natureza lhe obedece. Este personagem não tem medo de nada, talvez não mude nunca, e talvez nunca envelheça, nunca morra. Devido a tanto poder, o Homem compra de Evangelina suas duas filhas: Cecília e Aléssia, ambas filhas de Gedeão, que vivem prisioneiras na casa do Homem, onde as mulheres o chamam de pai à espera de se tornarem suas esposas nesse ambiente onde não tem amanhã.

O Homem encerra em si toda uma cultura, um saber condenado ao esquecimento, estava furioso por causa da mordida do filho Absalão e da fuga de Cecília, sua protegida, pois, fazia de todos os que o circundavam, prisioneiros, de um modo ou de outro. Dinheiro, era sua felicidade. Absalão prossegue em sua fuga obstinadamente declarando seu amor por Lou-Salomé, motivo do ódio assassínio do pai, constituindo a verdade do mundo: a dor inteira de um homem. A um povoadozinho chamado Salve-nos-Deus ou Salve-O-Divino se encaminhava Absalão, quando no caminho depara-se com um sujeito febril e o ajuda. Acha um subterfúgio para encontrar Lou-Salomé, ambos constatarem em seguida, que os impedimentos do homem passam e no final fica apenas nosso querer.

Absalão nos apresenta o personagem João Baaraboz, o músico presente em vários episódios dos demais personagens, oriundo da comarca Rio Abaixo dos Vaqueiros. Seu ritmo é devagar porque devagar é a lei de Deus. O filho perseguido se pergunta: um homem tem que morrer? Um homem, o Homem. Aglae e Beatriz descobrem que Absalão as doou para o Velho. De uma forma surpreendente, João Baaraboz ia sabendo os segredos das outras pessoas nas grandes batalhas travadas contra o Esquecimento.

Elias Enoque Euridiceu surge em Rio Abaixo dos Vaqueiros como uma espécie de místico, era homem de sentir os sofrimentos dos outros, alheios aos seus, vivia conforme si mesmo. Beatriz e Aglae constatarem que é Betsabah transvestida de Elias Eunoque Euridiceu quem

acertara o Homem com uma bala de prata. A cada morte seguia o Esquecimento que desce dos horizontes, pousa nas coisas, abarca tudo. É de cinzas e de pó da terra...

O diabo vem até o Velho reclamar sua dívida, mas ele quer cessar seu pacto. Espantadas, Aglae e Beatriz ficam sabendo que são sangue do Homem, o Velho morreu afogado na fazenda São Vicente dos Aboios das Vertentes do Rio dos Couros para se cumprir o Esquecimento, sobra dos acontecimentos.

Os personagens modernos neste livro, modulam nossa sensibilidade para o desacerto do vivente com a vida. Estruturado na memória das narradoras, conhecemos uma versão dos fatos para “experimentar o sentido do não sentido”. (Lima, 1982, p. 203) Os personagens, o Homem e o Velho são, conforme Antonio Candido, “seres complicados, que não se esgotam nos traços característicos, mas têm certos poços profundos, de onde pode jorrar a cada instante o desconhecido e o mistério”. (1970, p. 60) A profundidade, o desconhecido e o mistério presentes na obra de Ricardo Guilherme Dicke integram a alegoria criada por ele, com um sentido de incompletude. Por meio do processo de substituição, ele oferece uma outra ordem partindo do “húmus bíblico” presente em sua obra, para um outro modo de entender a existência, com isso, o artista inventa, um outro mundo para dizer a verdade que envolve o Homem nas suas diversas facetas: entre elas as ambições, vinganças, seu amor ao dinheiro. O estranhamento que nos causa a atitude deste personagem, vai de encontro com o comportamento estabelecido para um pai de família, dentro de uma forma de representação realista do estar no mundo. Entretanto, o sujeito assim exposto, compõe justamente o universo da ambigüidade, do excesso, da multiplicidade de sentidos que põe em cheque as certezas.

As possibilidades humanas presentes nos personagens modernos de *Rio abaixo dos vaqueiros*, oferecem a oportunidade de contemplação e vivência de experiências que dificilmente se vive, muitas vezes, esgotadas pela redução das relações sociais, dificultando as “interpretações

profundas da vida humana.” (...) (Candido, 1970, p. 47-48). Esta literatura contribui para que o leitor possa se enxergar no ser ficcional, também é capaz de proporcionar o distanciamento e assim, objetivar a própria situação, por vezes marcada pelo conflito de caráter, como é o caso do Homem em relação aos filhos Gedeão e Absalão.

O personagem, o ser fictício, é a concretização do ser vivo; portanto, é produto de emoções, produzindo significados cujo efeito é de estranhamento nessa narrativa, escrita, ao que tudo indica, para exercer no leitor um fascínio ao apreender um momento excepcional – a concepção de vida adotada pelo Homem – num tempo indeterminado.

A situação de abandono da família em prol de um ideal egoísta, o acúmulo de dinheiro e a vontade de poder por parte do Homem; revelam a maneira fragmentária, inescrupulosa, incompleta no trato com o ser humano. Aos poucos, o romance adquire contornos de uma preparação para revelar o conteúdo interior da relação do Velho e do Homem, este ao comprar as filhas dos homens pobres do lugar e aquele por fazer um pacto com o diabo para tentar rivalizar-se com o Homem. Por meio do conhecimento dos personagens modernos de *Rio abaixo dos vaqueiros*, adquirimos a compreensão do *Homo fictus*, com maior lógica, embora não mais simples do que o ser vivo. Estes personagens são componentes da alegoria da vida do homem na atualidade, descrita em termos de um “lastro bíblico” enraizado num tempo primitivo sem-Cristo, diríamos sem-Amor. Com isto, afirma-se a ruína, o estilhaço, o eu – personalidade desfacelada, alguém que não se resolveu, é finito e frágil perante o mistério de existir. Por isso, é no embate da existência que se conta as crises do sujeito. O homem passando os dias, meses e anos em busca de objetivos escusos, visando a satisfação dos próprios interesses, se revela numa prisão interior desenhada em uma vida desregrada de um particular humano cujo desenvolvimento, exposto pelo escritor ao longo do romance, se mostra de uma forma intensa na perplexidade despertada no leitor. Dicke, cria um “ser de papel” capaz de oferecer o modo íntimo de ser numa concepção de

homem, feito de abismos e virtualidades, resultando num mundo e num homem diferentes a fim de alcançar uma realidade em potência, mais ampla e significativa.

O olhar emocionado que lançamos à atitude do Homem ou de seus filhos para fugirem de sua tirania, é um elemento essencial para a literatura contemporânea, composta entre outros, de um inquieto interrogar, trabalhando as incertezas de um universo alegórico: não tem uma porta de entrada, não há delimitação para que possamos medir a ressonância na imaginação e na sensibilidade que o escritor capta em situações-limite, nas quais se revelam aspectos essenciais da vida humana – no romance temos: a difícil decisão de Absalão partir ou ficar; ver ou não a mediocridade da atitude do pai em “criar” as filhas dos outros para se tornarem futuras esposas suas; o posicionamento das narradoras, Aglae e Beatriz ao reconhecerem-se, sangue do Homem, já no final do romance, ele é o personagem em *Rio abaixo dos vaqueiros*, possuidor de uma força íntima que permite as grandes decisões, embora revelem a magnitude de um caráter perfeitamente discutível. A literatura de Ricardo Dicke, ao abordar esse problema, resulta na arte contemporânea quando convoca o homem a perseguir algo, mesmo que seja sua própria ruína.

A preocupação com a verdade particular de cada personagem, vista pelo ângulo da união dialética do contraditório na obra do escritor mato-grossense, expõe o percurso do herói moderno, o que se configura como errância histórica do homem no duro aprendizado da condição humana feita de incompletude.

*Rio abaixo dos vaqueiros*, a comarca que é uma opção de vida feita pelo Homem, define o retrato do ser humano enquanto símbolo do sujeito dinâmico no pensamento e nas ações, seu afastamento das demais pessoas do grupo social. As narradoras rememorando seus trajetos pessoais por meio dos passos do Homem, se mostram espectadoras ativas e críticas em relação a si mesmas ao reconhecerem no silêncio, a resposta para a atitude do Velho e do Homem. Esse homem, dono de tudo e de todos, transforma-se em conteúdo digno de uma abordagem estética

na literatura de Ricardo Dicke, pois, é marcado por um destino mediante uma orientação emotivo-volitiva capaz de situá-lo na vida e por consequência na literatura contemporânea.

O personagem moderno em *Rio abaixo dos vaqueiros* encontra-se com sua subjetividade problematizada. O leitor se depara com algo inexplicável, lança hipóteses interpretativas para orientá-lo em sentidos construídos na leitura, percebendo-os como sujeitos se fazendo à medida que não coincidem com a própria liberdade. Estes personagens são representantes de uma literatura cujo propósito é a exposição do homem com múltiplos pontos de vista, longe portanto, da noção de um sujeito unificado, sem problemas e bem resolvido na vida. No romance dickensiano, as ações concretas servem como pressuposto de reflexão, o personagem vive a vida interiormente. “Isto impressiona quando pensamos em termos de uma imagem externa de nós mesmos ao constatarmos nesta vida o vazio, a ilusão e solidão formando, deformando o homem” (Machado, 2001, 03).

O sujeito desta literatura é portador de um conjunto de valores e emoções, causadores do sentimento que comove e cativa o leitor. Dicke mostra o homem em seu romance a perfazer um espaço de acontecimento vivo, esteticamente finito e circunscrito. Assim sendo, essa literatura oferece o conhecimento do gênero humano: o personagem, o herói moderno, que a vida não proporciona, visto não termos a totalidade da existência, pois está em processo.

*Rio abaixo dos vaqueiros* possibilita o conhecimento do personagem, responsável por uma vida massacrante aos seus dependentes, possuidor de contornos traçados por princípios de aparente incoerência e descontinuidade; contudo, faz-nos questionar, analisar, procurar compreender o homem atual com suas crises e valores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. 10ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 14-80
- \_\_\_\_\_. O homem dos avessos in: *Tese e antítese*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964. p. 64-70
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991
- LIMA, Luiz Costa. O conto na modernidade brasileira. In: *O livro do seminário*. São Paulo: L R editores, 1982. p. 173 a 218
- MACHADO, Madalena Aparecida. O homem e a literatura. *Caderno Cartaz, sessão Caleidoscópio, Jornal O Imparcial*, Araraquara, n° 120, p. 03, junho de 2001
- PACHECO, Ana Paula. História, psique e metalinguagem em Guimarães Rosa. *Cult*, São Paulo, n° 43, p. 42 a 47, fevereiro de 2001
- XAVIER, Ismail. Alegoria, Modernidade, Nacionalismo. In: *Doze Questões Sobre Cultura E Arte, Seminários*, São Paulo, FUNARTE, 1984. p. 03 a 27.